

# FOTOGRAFIA E IMPRENSA NO MARANHÃO: O INÍCIO

*Sílvio Rogério Rocha de CASTRO<sup>73</sup>  
Esnel José FAGUNDES<sup>74</sup>*

**RESUMO:** O texto apresenta fundamentação para a compreensão do discurso jornalístico e imagético maranhense, em sua origem, com o intuito de discutir e entender seus produtos a partir dos periódicos impressos visualizados como agentes de legitimação e instâncias de consagração que concorrem para consubstanciar as relações de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal, Fotojornalismo, História, Discurso imagético.

**ABSTRACT:** This paper presents reasons for the understanding of journalistic discourse and imagery of Maranhão, in its origin, in order to discuss and understand their products from the print journals seen as agents of legitimation and consecration, which contribute to embody power relations.

**KEYWORDS:** Newspaper, Photojournalism, History, Speech imagery.

## 1. Introdução

Objetivando contribuir com o resgate da fotografia jornalística produzida pelos *media* maranhenses no século XX, com a observância do seu valor informativo, seu caráter estético e a transmissão de valores culturais, este artigo, a partir de uma avaliação criteriosa de documentos, estabelece diálogos iniciais numa tentativa de identificar, analisar e descrever as especificidades do periodismo imagético da época. É intenção de este estudo investir no papel do pesquisador como agente de mudança que tenta por meio de sua produção intelectual

---

<sup>73</sup> Doutor em Ciências da Comunicação (Jornalismo Comparado) pela ECA/USP e professor do Departamento de Comunicação Social – UFMA. E-mail: silvioroger@uol.com.br

<sup>74</sup> Doutor em Ciências da Comunicação (Interfaces Sociais da Comunicação) e professor do Departamento de Comunicação Social – UFMA. E-mail: esnelfagundes@uol.com.br

contribuir para o entendimento da complexidade do movimento dos processos culturais, ou seja, a compreensão dos diversos discursos e práticas comunicacionais midiáticas, que visem a criar uma atitude crítica e consciente ante as investigações científicas realizadas. O poder de comunicação do fotojornalismo é imediato, podendo condicionar a opinião pública pela veracidade de suas imagens, fazendo com que, na maioria das vezes, não seja contestado por não se atentar sua carga ideológica. O fotojornalismo, no entanto, é por definição subjetivo, devendo ser observado na realidade social a qual se insere e não como meramente ilustrativo. Procura-se, desse modo, apontar caminhos iniciais, delineadores das diversidades do fotojornalismo praticado pela imprensa maranhense naquele século, de forma a possibilitar a comparação e o questionamento do mesmo como produto cultural, fundamentado na práxis jornalística, enquanto fenômeno histórico, político e social.

## **2. O Maranhão**

Dentro de um contexto político-social-econômico, a província do Maranhão manteve-se fiel á Corte portuguesa até mesmo quando todas as outras províncias já haviam aderido à Independência do Brasil (1822), apresentando-se como um local de costumes tradicionais e de gente pacata, onde o senhorio, a parentela e compadrio circunscreviam a oligarquia local, estimulando a concentração de renda e o monopólio de terras e escravos. A Província dependia de Portugal não apenas pelos laços econômicos, mas pela tradição do ensino. “A Universidade de Coimbra era o centro e a atração, pela facilidade do idioma e para onde os filhos das famílias ricas e tradicionais eram mandados, para receber formação cultural” (JORGE, 2000, p.23), futuros condes, viscondes, barões, moços fidalgos e comendadores. Assim, mantinha-se fiel a Portugal, numa época em que se inicia a exaltação dos princípios liberais. São Luís colocava-se como “a quarta entre as cidades brasileiras mais desenvolvidas” (HOLANDA, 1978, p.141), num processo urbano marcado por inovadora e intensa participação do poder público. Com forte tendência político-literária, a imprensa aí se inicia com a instalação da primeira tipografia, em 31 de outubro de 1821, a pedido do então governador provisório Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, entusiasmado com o movimento que beneficiou a liberação da imprensa no país.

Multiplicam-se as gráficas e a cidade começa a receber pedidos de serviços gráficos de todo o país. Frias (1978, p. 63) assegura que “além do Rio de Janeiro, nenhuma outra província se avantajava a esta em trabalhos tipográficos, e só a de Pernambuco a iguala”. A vanguarda da imprensa se acha no Rio de Janeiro, alcançando a Bahia, Pernambuco e

Maranhão. É um jornalismo doutrinário e combativo, transpirando a escritura elegante, recordando a linhagem dos clássicos, ligado à realidade política-faccionária, representando interesses em entrechoques. “Os intelectuais ajustaram os arquétipos ideológicos à circunscrição cotidiana da política, como a praticavam os agricultores, os pecuaristas e os comerciantes” (CORREA, 1993, p.128), passando a defender, basicamente, o segmento ao qual estavam vinculados, e a combater o segmento oponente, pela concorrência que representava no controle da máquina estatal.

Ainda assim, no contexto nacional de efervescente luta política, a imprensa maranhense figurou com superioridade em relação à maioria do restante do país (os grandes temas do momento eram debatidos no cenário público dos diversos veículos impressos, assim com o eram seus ‘ilustres’ jornalistas conhecidos, em sua maioria, por contribuições à ciência e à arte literária).

### 3. O Jornalismo

A atividade jornalística inicia-se, de fato, no Maranhão, em 1821, com a publicação do periódico de número 35, *O Conciliador do Maranhão*, cuja circulação data de 10 de novembro de 1821, mas que circulou anteriormente, com 34 números manuscritos, a partir de 15 de abril de 1821, estendendo sua circulação até quatro de novembro do mesmo ano. Antônio Marques da Costa (português, Oficial Maior da Secretaria de Governo) foi o primeiro jornalista em terras maranhenses a dirigir um jornal, auxiliado, e mais tarde substituído, pelo Pe. José Antônio de Oliveira Tezinho, também português, que tinha como característica o uso de uma linguagem ousada e sem condescendência com os opositores. Era um jornal em folha de papel almaço, impresso em duas colunas, cuja linha editorial era favorável à Constituição Portuguesa, defendendo com radicalismo o seu cumprimento e recomendando fidelidade às ordens emanadas de Portugal, exercendo a função de porta-voz, numa linguagem que não poupava duras críticas aos adversários. Para Jorge (1987, p.31), era um jornal em que “de um lado, desfilavam palavras violentas, com fins de ofender o adversário; por outro lado, o léxico era racional”. Ao lado de expressões grosseiras vinham sempre palavras de impacto, como liberdade, pátria, sociedade, ordem e respeito.

Em 1923, *O Conciliador do Maranhão* deixa de circular, mas outros jornais, atrelando-se na mesma linha editorial, já existiam ou surgiram defendendo os interesses de Portugal. Por exemplo, *Folha Medicinal* (1820), *Brado Maranhense* (1822), *Palmatória Semanal* (1822), *Amigo do Homem* (1824), *O Argos da Lei* (1825), *O Censor* (1825), *O Farol*

*Maranhense* (1827), *Minerva* (1827), *Bandurra* (1828), *Poraquê* (1829), *A Cigarra* (1829), *O Brasileiro* (1830), *Constitucional* (1830), *Publicador Official* (1834), *Echo do Norte* (1834), *Investigador Maranhense* (1836), *Chronica Maranhense* (1838), *Bemtivi* (1838), *A Revista* (1840), *O Legalista* (1840) e o *Jornal Maranhense* (1841). São jornais com forte cunho político e doutrinário, discutindo questões polêmicas, que circulavam pelas principais Províncias, seguindo a linha dos famosos pasquins. De periodicidade incerta, eram comandados quase sempre por uma pessoa, abordando um assunto direcionado e específico.

Parafrazeando Jorge (1987), historicamente, o início da imprensa maranhense se dá numa das fases mais conturbadas da Província, época em que os portugueses que aí residiam, e tantos outros adeptos da Monarquia, recusavam-se a aderir à Independência do Brasil. O conflito de idéias e posições políticas gerou inimizades entre adeptos dos caprichos portugueses. Antes da independência do Império, a imprensa jornalística pouco mais era do que veículo de informação oficial. Proclamada a independência política do país, em 1822, houve a necessidade de reestruturação do aparelho do Estado, surgindo uma nova elite de eleitores e elegíveis, com a Constituição de 1824, bem como liberdade jornalística mais ampla. As perseguições contra os jornais que combatiam as administrações provinciais agora se manifestavam disfarçadamente, com o suborno de tipografias e deportação de jornalistas estrangeiros. Desta feita, em 1825 o ambiente era pouco favorável à implantação de um jornal que viesse assumir uma postura política sobre determinadas idéias. Nesse período, num ambiente nervoso, decorrente dos conflitos entre portugueses e brasileiros, é notável o aparecimento dos jornais *O Argos da Lei*, dirigido por Odorico Mendes, e *O Censor Maranhense*, dirigido por Garcia de Abranches.

Uma tradição na imprensa política maranhense, que se estenderá até meados do século XX, é o aparecimento sequencial, num pequeno intervalo, de dois jornais: ao surgir um jornal do governo, logo surgia um jornal da oposição e vice-versa.

Odorico Mendes, aos 26 anos, por meio do seu jornal *Argos da Lei*, assimilava as idéias importadas da Europa, discutindo o ‘nacionalismo’, declaradamente contrário àqueles favoráveis à recolonização brasileira. Era simpático a que os lusitanos arredios à adesão do Maranhão à Independência do Brasil perdessem seus cargos públicos e fossem deportados para suas terras, situação que repercutia com simpatia junto aos maranhenses, mas pessimamente diante dos portugueses e seus defensores. Para sobreviver, este periódico mantinha assinaturas (subscrição pública) e trazia pequenos trechos de anúncios.

Logo teve um adversário, *O Censor Maranhense*, dirigido por João Garcia de Abranches, com forte vocação moralizante, acreditando na censura não só como forma capaz de reprimir manifestações de pensamento dos jornalistas, mas como um meio eficaz de controlar a corrupção de funcionários públicos e autoridades, “refratário à crítica, reagia sem meias palavras e não escondia o desejo de ver os adversários deportados, como pena de falácia” (JORGE, 1987, p.57). Também não aceitava quem as autoridades fossem alvo de críticas, devendo estas serem respeitadas pelos cargos que exerciam.

Com tais recursos, os dois publicistas, apesar dos excessos das partes, souberam pintar com realidade o momento histórico em que viviam, “e isto lhes deu credenciais de líderes, dos respectivos grupos, que os olhava com admiração e respeito” (JORGE, 2000, p.40). São páginas de fé e muita convicção naquilo que os dois jornalistas acreditavam, “e por estas idéias e posições, sustentaram uma polêmica que atravessou o século como exemplo de um jornalismo vigoroso”, complementa.

#### **4. A Fotografia**

Constata-se o progressivo desenvolvimento da atividade a partir da década de 1860, em virtude, por um lado, “da introdução de novos processos e de técnicas fotográficas baseadas no princípio negativo-positivo, que, barateando os custos de produção do retrato fotográfico, o tornaria acessível a um público maior”. (KOSSOY, 2002, p12). Por outro lado, assiste-se a um progresso econômico, afirma o autor, e multiplicam-se as ligações ferroviárias, a imigração européia é incentivada, transformam-se as feições dos mais importantes centros urbanos. Há, enfim, um efetivo crescimento de uma classe média nas maiores cidades, particularmente no Rio de Janeiro, sede da Corte e, mais tarde, da República.

Ainda que para a Academia de Ciências de Paris, em 19 de agosto de 1839, a fotografia foi descoberta por Louis Jacques M. N. P. da G. Daguerre, no Brasil o francês Hércules Florence (1804-1879), sete anos antes, na Vila de São Carlos (atual Campinas – SP), realiza o desenvolvimento do processo fotográfico. Deve-se considerar também que, em 1840, D. Pedro II assume o trono brasileiro, trazendo consigo grande interesse pela fotografia, com ampla relação com o recém-descoberto sistema de representação visual.

Ao longo da década de 1840 chegam ao Brasil os primeiros daguerreotipistas estrangeiros, que, pelos jornais locais, oferecem ao público seus serviços como retratistas. “Os anúncios dos pioneiros daguerreotipistas, e mais tarde dos ‘photographos’, iniciam uma tradição de divulgação promocional desses serviços que perduraria nos periódicos brasileiros

ao longo de todo o século IX e entraria décadas adentro do século XX” (KOSSOY, 2002, p 16).

A imagem fotográfica começa a ser impressa e multiplicada nas primeiras revistas, na passagem do século, com o progresso das técnicas de reprodução fotomecânica. Inicia-se assim uma nova era na história da comunicação, chegando até os dias atuais, com a digitalização da imagem. Ressalta-se que os registros tornam-se duradouros e, de certa forma, perpetuados por meio da publicação periódica jornalística.

É importante salientar que, conforme Andrade (2004), em se tratando da imprensa mundial, as primeiras imagens copiadas de fotografias e publicadas na imprensa periódica ilustrada ocorreram no número 115 do *Illustrirte Zeitung* (de Leipzig - Alemanha), de 13 de setembro de 1845, baseadas nos daguerreótipos de autoria de Carl Ferdinand Stelzner, e se referem ao progresso da estação ferroviária de Altona, Hamburgo.

O fotojornalismo brasileiro se fixa em definitivo no início do século XX, acompanhando o processo de modernização que ocorria no mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. A *Revista da Semana*, que começa a circular em 1900 como suplemento do *Jornal do Brasil*, é a primeira a explorar os recursos ilustrativos em suas páginas, utilizando fotografias ao lado de caricaturas e de textos leves, assinados por autores consagrados, popularizando a fotografia na imprensa brasileira e influenciando muitas outras revistas, perdurando por mais de meio século. Com este suplemento, a tiragem do jornal salta de 50 mil exemplares em 1900 para 62 mil em 1902. O espaço urbano, a mulher, a moda, as vitrines, os automóveis, o chique, a multidão, a diversidade, enfim, são os flagrantes registrados pelas principais revistas da época, como: *Ilustração Brasileira*, *Arara*, *O Malho*, *Fon!Fon!*, *Careta*, *Cri-Cri*, *O Pirralho*, *A vida Moderna*, *A Cigarra*.

Por maior revolução imagética que aquelas revistas apresentaram, a revolução da imagem estava por ser feita. Ela explodiria em *O Cruzeiro*, surgida em 1928, mesmo ano do nascimento da revista francesa *Vu* e quase uma década antes do aparecimento da *Life* americana, o que representou uma importante iniciativa da consolidação de um Brasil moderno e de sua imagem. A revista brasileira alcançou um notável sucesso de público, mas somente com a mudança radical sob a responsabilidade do fotógrafo francês Jean Manzon, em 1943, que implantou na revista uma nova linguagem visual, atingiu uma significativa ascensão, que lhe garantiu um espaço de circulação cada vez mais ampla, com uma tiragem de 80 mil exemplares em 1945, chegando a 720 mil, neste mesmo ano, com o suicídio de Getúlio Vargas - recorde só alcançado até hoje pela revista *Veja*. O *Cruzeiro* deixa de circular no

início dos anos 70, depois de uma crise iniciada em meados da década de 60, quer pela concorrência que a televisão passou a exercer sobre os veículos impressos, quer pelo aparecimento de um crescente número de novas publicações ilustradas com modernas propostas editoriais, como as revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos e Realidade*. Em 1968 surge a revista *Veja* e, em 1976, a *Isto É*, que valorizam o texto sem deixar a fotografia de lado.

Em se tratando de **fotojornalismo maranhense**, em princípio, observam-se os periódicos e seus ‘reclames’ para o resgate da atividade fotográfica e a disseminação da imagem. Isso se deu na medida em que, por meio das técnicas promocionais empregadas nos anúncios, encontram-se não apenas os elementos para avaliar a trajetória dos fotógrafos e a evolução do seu ofício, mas também subsídios consistentes de informação para os estudos históricos da imprensa maranhense.

Constata-se que, desde o seu início, a fotografia foi praticada com fins comerciais, e através dos anúncios nos periódicos os fotógrafos divulgavam quase exclusivamente informações sobre suas atividades. Chama a atenção para o dado do aprendizado da fotografia – desde a década de 1840 aparecem os primeiros anúncios dos fotógrafos para ensinar a arte, uma vez que a grande maioria dos fotógrafos eram mestres estrangeiros. Ademais, ao longo de todo o século XIX a itinerância dos fotógrafos é uma das características mais notáveis da penetração da fotografia produzida no Maranhão, com expressiva contribuição de pequenos fotógrafos (anônimos, volantes, ambulantes), utilizando pesadas câmaras e estranhos equipamentos, para “captar a imagem do indivíduo e do grupo familiar: suas fisionomias, seus ritos de passagem, seus eventos representativos”. (KOSSOY, 2002, p 25).

Ressalta-se a forte presença do elemento estrangeiro, principalmente europeu, nas primeiras décadas que se seguem à introdução da fotografia no Brasil e, especificamente, no Maranhão. Sabe-se, porém, sem nenhuma intenção de apontar uma data inicial, que em agosto de 1846 o daguerreotipista norte-americano Charles D. Fredericks, sob a razão social A. & C. D. Fredericks, anunciava sua recente chegada a São Luís, procedente de Belém, dispendo-se a fazer retratos coloridos pelo processo de daguerreotipia. O fotógrafo trabalhou ainda em Alcântara, Recife, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Diz-se de Fredericks:

Ao mesmo tempo em que anunciava o recebimento de material para trabalhos de grande dimensão, dizia-se em condições de operar no plano das miniaturas, retratando em alfinetes de peito, medalhas e caixilhos, assim como fazia cópias de daguerreótipos, coríria, à razão de 2\$000 a unidade, retratos antigos ‘conhecidos aqui por retratos de fumaças’, oferecia-se para ocasiões fúnebres e acrescentava a possibilidade de reproduzir quaisquer vistas e estampas pintadas.” (SARDINHA, 1987, p. 12)

Outros retratistas aparecem nos anúncios da imprensa maranhense à época, a maior parte, de passagem por São Luís, com ligeiras incursões ao interior da província. Porém, alguns registros comprovam a presença de fotógrafos em São Luís, alguns deles definitivamente instalados e com endereço fixo na cidade. Por exemplo, de acordo com Kossoy (2002): Antônio de Freiras Ribeiro (Rua da Paz, 12), Antônio José de Araújo Lima (Largo do Palácio), Fortunato Ory (Largo do Palácio), Henrique Elias Neves (Rua Gonçalves dias, 11), José dos Reis Rayol (Rua Gonçalves Dias, 102), José Luiz Cerqueira (Rua da Saúde, 25), Justino Norat (Rua Grande, 5).

Da segunda metade dos anos 80 daquele século em diante, surgem, na capital maranhense, diversos estabelecimentos fotográficos. Por exemplo: *Photographia União*, de Gaudêncio Cunha, inaugurada a um de setembro de 1895 (o registro desse fato é importante, considerando que anteriormente sempre aconteceu que fotógrafos também fossem amoladores de facas e tesouras, vendedores de jóias ou professores de artes marciais, além de, pela maior parte, estarem de passagem, em périplo que os levava a percorrer as principais províncias do Império), conforme Sardinha (1987). Por exemplo, Antonio José de Araújo Lima, no ano de 1863, em São Luís, anunciava sua atividade como ‘dentista e fotógrafo’.

Um anúncio do *Publicador Maranhense*, de 18 de janeiro de 1855:

Retratos ao daguerreotypo – José Caetano Pereira de Senna e Guilherme Potter, retratista(s), oferecem o seu préstimo ao respeitável publico, e declaram, que a sua demora nesta cidade será de pouca duração. A sua residencia é na sala pertencente ao baile militar na rua grande, onde se achará um lindo sortimento de caixas, molduras e medalhas d’ouro, aneis e pulseiras, tudo para retratos. O mesmo Senna ensina a jogar Florete, Espada, e a Galvanizar a ouro, e prata, tudo por modicos preços. Encontrar-se-am desde as 8 as 4 horas da tarde, e a Esgrima será por todo o dia até as 8 da noite. (Sic)

Em 1896, citando Kossoy (2002), a *Photographia União*, já com a razão social de Gaudêncio R. Cunha & Cia., comunica ter feito importante reforma em seu ateliê, constante da aquisição de aparelhos modernos e do treinamento a que se submetera seu pessoal, com vistas à máxima perfeição dos serviços. Além da possibilidade de executar reproduções e fotografar grupos e paisagens, tudo em cores, esse anúncio trata de alguns serviços pioneiros na cidade, como: fotografias sobre seda, louça, porcelana, vidro e marfim – num avanço notável para São Luís.

## 5. Os estabelecimentos

Durante o século XIX concentrava-se no Rio de Janeiro o maior número de estabelecimentos.

Dados do Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro (KOSSOY, 2004) apontam nos anos de 1840 que 21 dos 34 daguerreotipistas em atividade (62%), encontravam-se no Rio de Janeiro. Os demais se achavam distribuídos por Pernambuco, Bahia, Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Pará e Maranhão. Lembra-se aqui que Charles Frederick, citado anteriormente, trabalhou nas províncias do Maranhão, Pará, Pernambuco e Bahia, nos anos de 1840.

### Mapeamento já realizado da atividade fotográfica no Maranhão (1833 a 1899) – Fotógrafos / Estabelecimentos

**1833 – 1849:** Fredericks, Charles DeForest

**1850 – 1859:** José Dumas, C. P. da Fonseca Neves, G. A. da Rocha Pereira, José Leon Righini

**1860 – 1869:** João Evangelista Belfor, João Luiz de Cerqueira, Antônio José de Araújo Lima, Theodoro Nadler, Henrique Elias Neves, Justino Norá, Fortunato Ory, Justino Rocha Pereira, José dos Reis Rayol, Antonio de Freitas Ribeiro, José Leon Righini, Carlos Seidl

**1870 – 1879:** João Luiz de Cerqueira, Henrique Elias Neves, José dos Reis Rayol, Hygino Soares, Jacques Vigier

**1880 – 1889:** Baubrier, Filomeno G. de La Torre, Henrique Elias Neves, Hygino Soares

**1890 – 1899:** Gaudencio R. da Cunha, Rodolpho Vasconcellos

## 6. Considerações finais

Através da continuidade deste estudo, pretende-se avançar na reflexão sobre o jornalismo/fotojornalismo produzido no Maranhão no seu início e no século passado - um fenômeno de comunicação emergente no Brasil, mas com tímidos desdobramentos na região Nordeste. Almeja-se, então, na sequência, abordar, sob a perspectiva da História, os principais aspectos relacionados ao jornalismo e à fotografia impressa ilustrada editada em jornais locais, implicando em questões referentes ao design da página e aos processos de criação e impressão das imagens. Viajar por essa história levará a pesquisa a um resgate da evolução da fotografia, que é uma das mais importantes descobertas da comunicação, percorrendo desde a fotografia analógica, o advento da fotografia digital e a revolução na profissão do

fotojornalista, com direito a discussões sobre as possíveis manipulações fotográficas e direitos autorais. Também proporcionará o reconhecimento das principais técnicas e equipamentos fotográficos que tanto colaboraram com a imprensa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora - dentro.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ANDRADE, Joaquim Marçal F. **História da fotorreportagem no Brasil.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BARKER, Peter. **A testemunha ocular: história e imagem.** São Paulo: Edusp, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia.** São Paulo: Brasiliense, 1987 e 1993.(Obras Escolhidas, v. 1)

BORGES, Maria Elisa. **História e fotografia.** Belo Horizonte: autêntica, 2003.

CASTRO, Sílvio Rogério R. **Fotojornalismo...** Tese (Doutorado). ECA/USP., São Paulo, 2004.

CATÁLOGO de **jornais maranhenses** do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821 – 2007. São Luís: Edições Secma, 2007.

CORREA, Rossini. **Formação social do Maranhão...** São Luís, SIOGE, 1993.

D'VREUX, Yves. **Viagens ao Norte do Brasil.** São Paulo: Siciliano, 2002.

FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: uso e funções no séc. XX.** São Paulo: Edusp, 1991.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade.** 2. ed. Lisboa: Veja, 1995. São Paulo: Siciliano, 2001.

FRIAS, J.M.C. **Memórias sobre a tipografia maranhense.** 3. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **O Brasil monogâmico.** São Paulo: Difel, 1978.

JORGE, Sebastião. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão.** São Luís: PPPG/EDUFMA, 1997,

\_\_\_\_\_. **A linguagem dos pasquins.** São Luís: Lithograf, 1998.

\_\_\_\_\_. **Política movida á paixão:** o jornalismo polêmico de Odorico Mendes. São Luís: Departamento de comunicação da UFMA, 2000.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro.** São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

\_\_\_\_\_. **Hercule Florence 1833:** a descoberta isolada da fotografia no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Origem e expansão da fotografia no Brasil – séc. XIX.** Rio de Janeiro: MEC/FUNART, 1980.

MARTINS, José de Sousa. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: SENAC, 2009.

SARDINHA, Maria da Graça. **Álbum do Maranhão 1908 – Gaudêncio Cunha.** Rio de Janeiro: Spala, 1987.

SILVA, Celeste A. **Jornais maranhenses: 1821 – 1979.** São Luís: Sioge, 1981.

SOUSA, Jorge. **Fotojornalismo:** introdução à história e às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. Barcelona: Paidós, 1993.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio do Maranhão 1896 – 1934.** São Luís: Associação Comercial do Maranhão/Lithograf, 1992.

\_\_\_\_\_. **História do comércio do Maranhão 1612 – 1895.** vol. 1. São Luís: Associação Comercial do Maranhão / Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1954.